

XIX BRASA Congress
27-29 March 2008
Tulane University, New Orleans
GW 151: The PT and the 2006 elections

A trajetória da Democracia Socialista: da fundação ao PT*
(The Socialist Democracy's trajectory: until the foundation to the PT)

Vitor Amorim de Angelo
Universidade Federal de São Carlos
✉ vitordeangelo@terra.com.br

* Um versão deste texto será publicada sob o título *Democracia Socialista, tendência do PT* no livro *As imagens das Ciências Sociais no Brasil: novos olhares sobre os desafios da sociedade contemporânea*, organizado por Nico Antônio Bolama. As informações apresentadas a seguir estão baseadas em minha dissertação de mestrado em Ciências Sociais, apresentada à Universidade Federal de São Carlos em março de 2007, sob orientação do professor Dr. Marco Antonio Villa e com apoio da CAPES. A versão integral do trabalho foi publicada em ANGELO, V. A. de. *A trajetória da Democracia Socialista: da fundação ao PT*. São Carlos: EdUFSCar/FAPESP, 2008 (no prelo).

Era véspera do Natal de 1979 quando um grupo de militantes de esquerda que participavam da publicação do jornal *Em Tempo* reuniu-se em São Paulo para fundar a organização Democracia Socialista. O congresso de criação da DS, como passou a ser conhecida, foi o ponto alto de um processo de discussão política iniciado em meados daquele ano pelos agrupamentos trotskistas que editavam o *Em Tempo* e por militantes de antigas organizações de esquerda que haviam atuado no Brasil entre o final dos anos 1960 e início da década seguinte. Além deles, também marcaram presença no congresso – onde foi eleito o primeiro Comitê Central da nova organização – um representante português e outro colombiano enviados pelo Secretariado Unificado da IV Internacional, corrente a que a DS se vincularia internacionalmente.

Muito embora a criação da Democracia Socialista tenha contado com a participação de pessoas ligadas ao Partido Operário Comunista (POC)¹ e ao Comando de Libertação Nacional (COLINA)², a grande maioria dos seus fundadores era composta por membros de duas organizações políticas conhecidas apenas pela abreviatura *O.* – ainda pela concepção de clandestinidade que cercava a militância de esquerda na época. Tanto um, de Minas Gerais, quanto o outro, do Rio Grande do Sul, tinham origem no movimento estudantil, onde seus dirigentes recrutavam quadros para formar ou alimentar as próprias organizações. Entretanto, apesar dos contatos estabelecidos durante o trabalho nas universidades e da atividade política comum de parte dos fundadores da DS, que haviam militado juntos ainda nos anos 1960, foi mesmo no jornal *Em Tempo* que os grupos mineiro e gaúcho encontraram o espaço propício para sua articulação nacional.

O *Em Tempo* era um jornal alternativo criado em 1977 a partir de um racha na equipe do *Movimento*, publicação que tinha sido controlada pelo Partido Comunista do Brasil (PCdoB), de quem seus participantes divergiam politicamente. A divisão dentro do *Movimento* foi motivada pelo fato de os seus grupos mais à esquerda discordarem da proposta do PCdoB de criar uma frente democrática, vista pela maioria dos dissidentes como “hegemonizada por correntes liberais-burguesas”³. No dia seguinte ao racha, o grupo que saiu do *Movimento* – formado por jornalistas, intelectuais de esquerda, ex-militantes da Ação Popular-Marxista Leninista (AP-ML) que não haviam aderido ao PCdoB⁴, dois membros do antigo COLINA e integrantes de um pequeno

¹ Ver nota 6.

² Organização de esquerda criada em 1967.

³ KUCINSKI, B. *Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. 2ª ed. São Paulo: EDUSP, 2003, p.162. Na prática, a proposta de criação dessa frente política implicaria, por um lado, no apoio ao Movimento Democrático Brasileiro (MDB) e, por outro, na aliança entre a classe trabalhadora e outros setores descontentes com o regime militar, o que era rejeitado pelos grupos que saíram do jornal.

⁴ A AP-ML, dissolvida em 1981, era herdeira da antiga Ação Popular (AP), organização de base ideológica cristã fundada em 1963. Ainda nos anos 1960, dividida entre a influência revolucionária cubana e chinesa, a AP sofreu seu primeiro racha. Em 1971, a maioria que permaneceu na organização, então decidida pelo maoísmo, mudou seu nome para AP-ML. Dois anos depois, com o apoio da China, a AP-ML optou pela sua dissolução no interior do PCdoB, alinhado ao regime de Mao Tse-Tung e reconhecido por ela como o verdadeiro partido da vanguarda proletária. A minoria contrária à dissolução decidiu manter a organização sob o mesmo nome. Porém, com a intensa repressão da ditadura, a AP-ML praticamente desapareceu. Os membros da sua direção nacional foram enviados para o exílio, onde,

agrupamento político chamado *Subfrente* – reuniu-se para discutir a formação de um novo jornal que, além de se contrapor à orientação do *Movimento*, pudesse “subsidiar a organização dos trabalhadores”⁵. Nas semanas seguintes, agregaram-se em torno dos dissidentes antigos colaboradores do *Movimento* e de outros jornais alternativos e novos agrupamentos políticos que haviam surgido na época – dando início a um processo de reaglutinação de parte da esquerda brasileira.

Entre eles, por exemplo, estava o *Debate*, grupo formado por ex-participantes do *Movimento* que saíra do jornal antes mesmo do racha de 1977, também por discordar da linha política defendida pelo PCdoB. Ao se aproximar dos articuladores do *Em Tempo*, atraiu para as discussões sobre o novo jornal ex-militantes da ORM-POLOP, que trouxeram consigo antigos membros do POC⁶. A *Libelu*, corrente estudantil da Organização Socialista Internacionalista (OSI)⁷, aderiu marginalmente ao jornal, com a participação de apenas dois dos seus militantes. O Movimento pela Emancipação do Proletariado (MEP), por sua vez, mesmo rejeitando o trotskismo, orientação da maioria dos grupos políticos que se aproximou do *Em Tempo*, tinha afinidades com a “cultura trotskista”⁸, como o repúdio ao stalinismo, optando por seguir com os dissidentes do *Movimento*. O MR-8 foi outro grupo que possivelmente participou do novo jornal para tentar controlá-lo, o que acabou não ocorrendo, apesar de rapidamente ter conquistado espaço nas sucursais do Rio de Janeiro e São Paulo. Com a volta dos exilados políticos ao Brasil, no final de 1979, também aderiram ao novo jornal membros do grupo dos *autonomistas*, assim chamados por acreditarem que o movimento operário deveria estar desvinculado de partidos políticos.

Portanto, além de ter sido o espaço de articulação entre os trotskistas mineiros e gaúchos, o *Em Tempo* também permitiu aos fundadores da Democracia Socialista a aproximação junto a antigos companheiros de militância e o debate político com outras organizações de esquerda da época. “O

em conjunto com o Movimento Revolucionário 8 de outubro (MR-8) e a Organização Revolucionária Marxista-Política Operária (ORM-POLOP), editaram a revista *Brasil Socialista*. Daí porque, nessa época, ficou conhecida também pelo nome de AP-Socialista. Na segunda metade dos anos 1970, a AP-ML – ou AP-Socialista – passou por uma revisão do maoísmo, definitivamente abandonado como perspectiva teórica. Há uma certa confusão de siglas feita pela literatura e por militantes de esquerda em relação à Ação Popular, já que a AP-ML é, muitas vezes, chamada simplesmente de AP, embora esse nome tenha sido utilizado somente até 1971.

⁵ KUCINSKI, *op. cit.*, p.167.

⁶ O POC, criado pela fusão da minoria da ORM-POLOP – que se dividira em 1967 – com dissidentes do Partido Comunista Brasileiro (PCB) gaúcho, praticamente desapareceu em 1971 com a repressão da ditadura militar. Parte dos seus militantes, já no exílio, reorganizaram o partido sob a sigla POC-Combate. Integrantes do grupo gaúcho que deu origem à DS haviam militado no POC ainda nos anos 1960. No *Em Tempo*, reencontraram-se com antigos companheiros do partido trazidos pelo Debate. Esse foi um dos laços que ligou o POC à Democracia Socialista.

⁷ Nos anos 1980, as diversas correntes da IV Internacional – também conhecida como Internacional trotskista – foram representadas no Brasil pela DS, Convergência Socialista, Causa Operária e OSI. Com o fim do bipartidarismo, todas as quatro organizações aderiram ao PT, sendo que, entre elas, apenas a Democracia Socialista permanece no partido até hoje. Tanto a Convergência quanto a Causa Operária foram expulsas da legenda no início da década de 1990, fundando, mais tarde, o Partido dos Trabalhadores Socialistas Unificados (PSTU) e o Partido da Causa Operária (PCO), respectivamente. Quanto à OSI, ainda nos anos 1980 a maioria dos seus integrantes optou pela dissolução do grupo na corrente majoritária do PT – a Articulação.

⁸ KUCINSKI, *op. cit.*, p.404.

jornal permitia uma relação com outros grupos semelhantes que sobreviveram à ditadura e buscavam articulação nacional. O projeto do ET [*Em Tempo*] era ideal para essa troca de experiências e unificação de lutas”⁹. Após a saída do MR-8, da AP-ML e do grupo Debate, ainda na década de 1970, motivada pela difícil relação com as organizações de Minas Gerais e do Rio Grande do Sul, permaneceram no jornal apenas os autonomistas¹⁰ – favoráveis à criação do PT, posição que, àquela altura, os trotskistas também já haviam assumido – e ex-integrantes do POC e do COLINA – ambos, de certa forma, próximos às formulações de Trotsky. De dezembro de 1980 em diante, quando os autonomistas decidiram abandonar o *Em Tempo*, o jornal ficou definitivamente sob o controle da Democracia Socialista, tornando-se, a partir de então, a publicação oficial da DS.

A O. mineira foi criada na primeira metade dos anos 1970 por estudantes da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e de Juiz de Fora (UFJF) e da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG). Seus integrantes eram contrários à atuação do PCdoB e da AP-ML no movimento estudantil e críticos da luta armada, posição que os levou a se engajarem no projeto do *Em Tempo*. De um lado, as divergências com o Partido Comunista do Brasil permitiram uma aproximação com as outras organizações que participavam do *Movimento* e que também discordavam da linha adotada pelo partido. De outro, a reorientação política de vários grupos de esquerda que tinham aderido às ações armadas também contribuiu para reforçar essa aproximação. Para aumentar sua influência no movimento estudantil, a O. lançou a tendência *Centelha*, em abril de 1977. A criação da Centelha ocorreu logo depois de encerrada a eleição para o Diretório Central dos Estudantes (DCE) da UFMG, quando a chapa lançada pelo grupo mineiro – também chamada de Centelha – foi derrotada pelos candidatos apoiados pela AP-ML¹¹.

Embora tenha participado do lançamento de tendências estudantis em outras universidades nos anos seguintes, como a *Estratégia*, na PUC-MG, e a *Nova Perspectiva*, na UFJF, foi mesmo com a Centelha que a O. conquistou certo peso político em Minas Gerais e aproximou-se da organização gaúcha com a qual fundaria a DS. Os militantes da Centelha, além de serem os representantes do *Movimento* em Belo Horizonte, também controlavam o jornal *De Fato*, numa estratégia semelhante a de outros grupos que se contrapunham à hegemonia do PCdoB naquele jornal: participar de publicações regionais para divulgar suas posições políticas ao mesmo tempo em que atuavam na imprensa alternativa nacional. Com as articulações em torno da criação do novo

⁹ Entrevista de Raul Pont ao autor, 16 de maio de 2006. Raul Pont, do grupo gaúcho, integrou o Comitê Central eleito no congresso de fundação da Democracia Socialista.

¹⁰ Marginalizados dentro do *Em Tempo* por conta das diferenças com os trotskistas – maioria dentro do jornal – quanto à relação que o PT deveria estabelecer com os movimentos sociais, os autonomistas decidiram afastar-se da frente jornalística em 1980 depois que um artigo de Marco Aurélio Garcia, membro do grupo, foi vetado por Flávio Andrade, editor-chefe do *Em Tempo* e um dos líderes da organização mineira que dera origem à DS.

¹¹ Entrevista de Thomaz Matta Machado ao autor, 09 de novembro de 2007. Fundador da DS, Thomaz Matta Machado foi lançado pela O. como candidato a presidente do DCE da UFMG na eleição daquele ano.

jornal, quase metade da liderança mineira transferiu-se para São Paulo para “fazer o *Em Tempo*”¹², enquanto outros militantes do grupo permaneceram em Belo Horizonte como representantes da frente jornalística.

Além do trabalho desenvolvido nas universidades, a O. também chegou a estabelecer contatos junto à Oposição Metalúrgica de Belo Horizonte. Criadas durante o regime militar, as oposições metalúrgicas eram frentes de trabalhadores constituídas pela base, geralmente organizadas em comissões de fábrica e críticas da estrutura sindical oficial, considerada excessivamente atrelada ao Estado¹³. A aproximação da O. com a Oposição de Belo Horizonte, porém, não ocorreu de forma direta, com a integração de militantes do grupo nas fábricas – estratégia adotada por outras organizações de esquerda. Para o contato com os metalúrgicos, a O. destacava pessoas que já haviam saído da universidade e integrantes do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos (DIEESE), cujo escritório de Minas Gerais, na época, era dirigido por um membro do grupo, Virgílio Guimarães¹⁴. Indiretamente, a O. fazia uso do Centro de Estudos do Trabalho (CET), órgão de formação e qualificação profissional coordenado também por um militante da organização. Através dos *Cadernos do CET*, publicação que tratava de “questões ligadas ao mundo da produção, da reprodução da força de trabalho na região industrial de Belo Horizonte ao lado de temas mais conceituais sobre a exploração da força de trabalho”¹⁵, a O. conseguiu manter contatos também junto a esse segmento do operariado.

Em 1979, durante o processo de discussão política que levaria à criação da DS, os fundadores da Democracia Socialista publicaram um documento onde apontavam alguns princípios mínimos para definir quais eram as “forças da esquerda proletária”¹⁶ com as quais poderiam desenvolver algum trabalho em conjunto. Entre os princípios destacados estava a defesa da independência política e ideológica da classe operária e da autonomia do movimento popular em relação ao Estado, à ideologia burguesa e aos “aparelhos burocratizados”, que, segundo o

¹² Entrevista de Joaquim Soriano ao autor, 09 de maio de 2006. Joaquim Soriano, da organização gaúcha, foi um dos fundadores da DS.

¹³ Essa bandeira aproximaria as oposições metalúrgicas do chamado *novo sindicalismo*, representado pelos dirigentes *autênticos*. A expressão foi utilizada pela primeira vez em 1978 pela imprensa para se referir a um grupo de jovens sindicalistas cujas propostas se afastavam das reivindicações apresentadas pelos dirigentes tradicionais. Em linhas gerais, os autênticos defendiam a autonomia, a liberdade e o pluralismo sindicais; a democratização e utilização mais agressiva da estrutura oficial dos sindicatos; a aproximação entre os dirigentes e as bases, por meio das comissões de fábrica; o direito à greve; e a negociação direta com o patronato, sem intermediação do Estado. Os autênticos eram bastante diversos sob o ponto de vista político, havendo, entre eles, desde sindicalistas ‘independentes’, sem vínculo partidário, até dirigentes filiados a organizações de esquerda como o PCB, MR-8 e Convergência Socialista. Com o lançamento do *Movimento pró-PT*, em 1979, o grupo dividiu-se entre o apoio ao novo partido e a continuação no MDB, posição defendida pelo PCB, PCdoB, MR-8 e parte da AP-ML – que também se dividiu em meio às divergências quanto ao assunto. Ao se afastarem do PT, os dirigentes ligados a essas organizações terminaram por isolar-se do grupos dos autênticos, que em sua maioria havia aderido à proposta de criação do Partido dos Trabalhadores.

¹⁴ Virgílio Guimarães também integrou o primeiro Comitê Central da DS.

¹⁵ Entrevista de Thomaz Matta Machado ao autor, 12 de novembro de 2007.

¹⁶ DEMOCRACIA SOCIALISTA. *Ousadia na estruturação de uma organização política de caráter nacional, na formação de uma frente da esquerda revolucionária, em impulsionar o PT*. 1979. Fundo Gilberto Mathias, Arquivo Edgar Leuenroth/UNICAMP, pasta 17.

documento, eram representados pela estrutura oficial do sindicato. Possivelmente, a proximidade do grupo mineiro com a Oposição Metalúrgica de Belo Horizonte ajudou nessa avaliação. De outro lado, a participação de antigos militantes do POC – próximos à Oposição Metalúrgica de São Paulo – nas discussões sobre a criação da DS também reforçaria essa interpretação. Com a sobreposição das clivagens sindicais e político-partidárias, a Democracia Socialista, ligada às oposições e aos sindicalistas autênticos à frente do PT, logo se definiria pela nova legenda, abandonando de vez qualquer perspectiva de militância no PMDB – posição defendida pelo grupo do Rio Grande do Sul até os primeiros meses daquele ano.

A organização gaúcha, também chamada de O., era formada por ex-integrantes do POC que haviam sobrevivido à repressão da ditadura e por estudantes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). No final dos anos 1960, alguns militantes universitários do POC animaram uma corrente estudantil chamada *Movimento Universidade Crítica*, “que deixara bases na UFRGS”¹⁷. O grupo gaúcho retomou parcialmente essa tendência e, em 1973, junto com alguns universitários, criou sua corrente estudantil: a *Nova Proposta*. Os militantes do POC, já fora da universidade, e os estudantes que aderiram à Nova Proposta eram críticos da linha política – influenciada pelo PCdoB, pela Libelu e pela AP-ML – predominante em alguns centros acadêmicos e no DCE da UFRGS, discordando dessas organizações sobre como conduzir as lutas táticas contra o regime militar. Um dos principais pontos de divergência era o seu discurso de combate à ditadura, criticado pela Nova Proposta pela ausência de um conteúdo classista. As diferenças com o PCdoB e a AP-ML, particularmente, tendo se repetido em Minas Gerais, também ajudaram na aproximação dos grupos gaúcho e mineiro.

No final de 1974, o MDB, que até aquele ano vinha obtendo resultados eleitorais pouco expressivos, conseguiu uma vitória importante na disputa pelo legislativo, conquistando 16 das 22 vagas em disputa no Senado. Com isso, começou a haver uma mudança na relação do movimento estudantil e dos grupos clandestinos de esquerda com o partido. Se até meados daquela década a legenda era mal vista por ambos, a partir de então, com o processo de reorientação política dos agrupamentos armados, que passaram a buscar novas formas de atuação; a mudança na imagem do próprio MDB, que se tornara uma opção viável para o conjunto da oposição à ditadura militar; e o resultado extremamente favorável na disputa eleitoral de 1974, o partido conseguiu aproximar-se tanto das organizações de esquerda – ainda na clandestinidade – como do movimento estudantil¹⁸. Para os primeiros, a legenda era uma garantia de oposição legal à ditadura, o que acabou atraindo, pela proximidade com a linha política básica do partido, tanto o PCdoB quanto o MR-8¹⁹. Já para os

¹⁷ Entrevista de Raul Pont ao autor, 16 de maio de 2006.

¹⁸ MOTTA, R. P. S. *Partido e sociedade: a trajetória do MDB*. Ouro Preto: EDUFOP, 1997.

¹⁹ O PCB já apoiava o MDB desde o início dos anos 1970. Ao contrário do PCdoB e MR-8, os pecebistas não haviam aderido à luta armada.

estudantes, o MDB reservou um espaço próprio dentro da sua estrutura partidária, com a criação do Setor Jovem, em 1973.

Na conjuntura política aberta com a vitória emedebista em 1974, parte da Nova Proposta, fundada no mesmo ano que o Setor Jovem, decidiu participar dessa ala do partido, com o objetivo de ter uma expressão pública e legal para sua atuação. Ao mesmo tempo, o Instituto de Estudos e Pesquisas Econômicas e Sociais (IEPES) do MDB – cujo coordenador havia sido dirigente estudantil – também atraiu os militantes da corrente gaúcha, já que a atuação no IEPES, ao lado da participação no Setor Jovem do MDB, “mantinha e permitia uma perspectiva de trabalho político para quem ia saindo da universidade”²⁰. Em 1978, poucos meses antes das eleições daquele ano, a O. – que além do engajamento no MDB ainda mantinha vínculos com o movimento estudantil através da Nova Proposta – decidiu criar, por intermédio do Setor Jovem e com o apoio de outros grupos, uma corrente no interior do partido: a *Tendência Socialista*.

Os militantes que formaram a Tendência Socialista acreditavam que as lutas legais e parlamentares deveriam ser combinadas, enquanto vigorasse o bipartidarismo, com a formação de correntes dentro do MDB, que na época ainda era o único partido legal de oposição à ditadura. Ao mesmo tempo, o engajamento no MDB indicava a preocupação desses militantes tanto em criar as bases para uma futura alternativa política quanto em não enfraquecer o partido nas eleições seguintes, uma vez que, depois dos resultados de 1974, as disputas eleitorais haviam se transformado em verdadeiros plebiscitos para aferir o apoio da sociedade ao regime militar. Com a criação da Tendência, a O. buscou viabilizar a construção, a partir do MDB, de um “movimento ou corrente socialista”²¹ de caráter nacional que contribuísse para a formação de um partido socialista tão logo fosse anunciado o retorno do pluripartidarismo. Portanto, pelo menos até 1979, quando o lançamento do Movimento pró-PT alteraria o jogo político-partidário, a opção em continuar no MDB teve um caráter estritamente tático de combate à ditadura e em favor da redemocratização. O fato de o PCB, PCdoB, MR-8 e AP-ML – de quem a O. divergia politicamente – apoiarem a legenda, também contribuiu para que sua permanência a longo prazo dentro do MDB fosse descartada já naquele momento.

Enquanto mantinha o trabalho na UFRGS e, de forma pública e legal, no MDB, o grupo gaúcho conservou um núcleo de militantes mais comprometidos politicamente e preocupados com a formação de uma organização revolucionária, apesar das alianças estabelecidas no movimento estudantil e no partido de oposição. Como base teórica para fundamentar sua atuação política, o grupo adotou o trotskismo – conhecido por boa parte dos seus integrantes desde os tempos de militância no POC – e as posições do Secretariado Unificado da IV Internacional, particularmente.

²⁰ Entrevista de Raul Pont ao autor, 16 de maio de 2006.

²¹ PONT, R. *Da crítica ao populismo à construção do PT*. Porto Alegre: Seriemá, [s.d.], p.64

Na segunda metade dos anos 1970, os militantes do POC-Combate, exilados na França desde o início daquela década, aproximaram-se organicamente da *Ligue Communiste Révolutionnaire*, a então seção francesa do Secretariado Unificado, estabelecendo um vínculo ainda mais estreito com o trotskismo e, por extensão, com alguns integrantes do grupo gaúcho, com quem os militantes que estavam na Europa tinham contatos desde o final dos anos 1960, quando haviam atuado juntos no antigo POC²².

A Nova Proposta foi organizada na mesma época em que, no movimento estudantil mineiro, era criada a O. Em 1977, quando o grupo de Minas Gerais lançou a Centelha, naturalmente, os militantes gaúchos e mineiros acabaram se conhecendo nos congressos estudantis. Naquele ano, por conta das divergências em torno das formas de enfrentamento do regime militar e do conteúdo ideológico a ser dado à luta pela redemocratização, a Nova Proposta dividiu-se em dois outros agrupamentos. Do racha, surgiram o *Manifesto*, que defendia a permanência no MDB mesmo depois da reforma partidária, e a *Peleia*, favorável à utilização da estrutura emedebista para construir um partido socialista. Os laços pessoais entre alguns membros do grupo de Minas e do Rio Grande do Sul que haviam estudado juntos na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), somados à base teórica comum entre as duas organizações²³ e aos contatos estabelecidos na militância estudantil, levaram a Centelha – que aderira aos dissidentes do jornal *Movimento*, em 1977 – a convidar os integrantes da *Peleia* para participarem da construção do *Em Tempo*. Parte dos militantes gaúchos permaneceu no Rio Grande do Sul, atuando como representantes do novo jornal, enquanto outros se deslocaram para São Paulo, onde começaram a trabalhar no *Em Tempo* junto com alguns dirigentes da organização mineira que já haviam se transferido de Minas Gerais para a capital paulista.

Utilizando-se dos mecanismos internos do próprio jornal, os trotskistas rapidamente conseguiram assumir o controle do *Em Tempo*, o que lhes permitiu definir sua linha editorial e proteger-se contra tentativas de aparelhamento por parte das outras organizações políticas que participavam da publicação. Assim, as divisões internas e a saída de grupos que apoiavam o projeto não demorou a acontecer. Na qualidade de frente jornalística, o *Em Tempo* abrigou organizações de esquerda com concepções teóricas, estratégicas e táticas diferentes. No final da década de 1970, em meio às várias possibilidades de avaliação da conjuntura política, as divergências se acentuaram ainda mais, sobretudo em torno da participação no MDB e das formas de combate à ditadura

²² Entrevista de Raul Pont ao autor, 16 de maio de 2006.

²³ Analisando a trajetória dos grupos fundadores da DS, Murilo Leal e Dainis Karepovs afirmaram o seguinte, a respeito da Centelha: “a simpatia pelas formulações de Trótski começou com leituras dos livros de Isaac Deutscher [autor, entre outros títulos, de uma importante coleção de três volumes sobre o líder soviético], do próprio Trótski, como a *História da Revolução Russa*, e de Ernest Mandel [dirigente do Secretariado Unificado]”. No mesmo trecho, em nota, os autores complementam a observação inicial: “muitos militantes se aproximaram do trotskismo primeiramente através de leituras do próprio Trótski e apenas depois se resolveram pela participação em alguma organização. Foi o caso, por exemplo, [...] do grupo mineiro que veio a fundar a Democracia Socialista”. (LEAL, M.; KAREPOVS, D. Os trotskismos no Brasil (1966-2000). In: RIDENTI, M.; REIS FILHO, D. A. (Orgs.) *História do marxismo no Brasil*, vol.6. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007, p.163 e 229).

militar. A disputa pelo controle do jornal serviu apenas para acentuar as divisões já naturais num projeto tão amplo como o *Em Tempo*. Com a chegada da organização gaúcha e o predomínio trotskista dentro do jornal, alguns grupos que desde o início participavam da sua edição sentiram-se marginalizados. No final de 1978, com o lançamento da Frente Nacional de Redemocratização²⁴, o início das articulações para a criação do PT e a vitória eleitoral do MDB, as divisões no *Em Tempo* se polarizaram ainda mais por conta da avaliação dos grupos que continuavam no jornal sobre o impacto desses acontecimentos no cenário político.

A partir de março de 1979, o *Em Tempo* esteve oficialmente engajado na organização do Partido dos Trabalhadores. Além do domínio conquistado sobre o jornal, os trotskistas também haviam se convencido de que, naquele momento, o projeto socialista não passava mais pela militância no MDB, onde estavam as lideranças político-sindicais tidas como conservadoras pelos grupos mineiro e gaúcho. Prova disso foi a decisão da Tendência Socialista – sobre a qual a O. do Rio Grande do Sul tinha um controle considerável – de sair em bloco do MDB para apoiar o Movimento pró-PT²⁵. De acordo com seus integrantes, o desdobramento das articulações político-partidárias exigia dos socialistas “apostar e assumir concretamente a organização do PT”²⁶. Acreditando que apenas o partido teria condições de organizar os trabalhadores de forma independente e que pela sua condição de “projeto frentista de massas” a legenda poderia abrigar os diversos agrupamentos de esquerda isolados individualmente em seus trabalhos políticos, a Tendência Socialista buscou contactar organizações regionais que tivessem o “mesmo tipo de interpretação do Movimento pró-PT” para articular, nacionalmente, uma atuação conjunta. Esse, portanto, foi outro ponto de convergência entre os grupos do Rio Grande do Sul e de Minas Gerais. Ao se encontrarem no *Em Tempo*, as duas organizações iniciaram um processo de discussão política que culminaria no congresso de dezembro de 1979.

Durante o segundo semestre daquele ano, mineiros e gaúchos – além dos militantes com os quais haviam estabelecido contatos no *Em Tempo* – elaboraram alguns documentos visando a aprofundar o processo de unificação nacional. Esses documentos, debatidos “no âmbito restrito”²⁷ dos grupos de Minas e do Rio Grande do Sul e também entre os militantes que estavam em São Paulo, avaliavam a conjuntura política da época, traçavam as perspectivas dos grupos envolvidos nos debates e definiam ações de intervenção no meio sindical e no Movimento pró-PT, particularmente. Tomados em conjunto, os documentos sintetizavam a visão que os fundadores da

²⁴ Criada em 1978, a Frente Nacional de Redemocratização reuniu forças políticas de oposição que apoiavam a candidatura do general Euler Bentes Monteiro à sucessão do presidente Ernesto Geisel.

²⁵ Além do grupo gaúcho, também participavam da Tendência Socialista, ainda que em número bastante reduzido, militantes do MEP, que atuava no Rio Grande do Sul. Em 1979, quando a Tendência decidiu apoiar a criação do Partido dos Trabalhadores, alguns dos seus integrantes optaram por permanecer no MDB (Entrevista de Joaquim Soriano ao autor, 18 de julho de 2006).

²⁶ PONT, *op. cit.*, p.69-70.

²⁷ Entrevista de Joaquim Soriano ao autor, 18 de julho de 2006.

DS tinham a respeito do país, do cenário político e do tipo de partido pelo qual pretendiam lutar. Tudo isso, por sua vez, fundamentado no trotskismo e, em especial, nas posições programáticas do Secretariado Unificado da IV Internacional²⁸.

A DS não acreditava que a organização dos trabalhadores em classe pudesse ocorrer de maneira espontânea, o que explica o fato de a Democracia Socialista apoiar, desde o início, a criação de um partido de vanguarda, baseado num programa revolucionário e onde atuassem quadros formados nesse programa com larga experiência na luta política. Conforme um dos documentos elaborados em 1979, a potencialidade da conjuntura aberta com o reaparecimento de atores políticos importantes, como o operariado, contrastava com a falta de uma direção revolucionária que pudesse atuar como vanguarda dos movimentos sociais. “É evidente que a conjuntura se acelera, e exige uma aceleração da intervenção dos revolucionários [...] Portanto, constituir uma direção revolucionária capaz de impedir que se perca o potencial da conjuntura é a primeira tarefa hoje”²⁹, afirmava o documento.

A proposta da Democracia Socialista dividia a atuação dessa vanguarda revolucionária em três níveis: na *frente política dos trabalhadores*, representada pelo PT; na *frente classista de esquerda*, responsável pela formação de uma *corrente revolucionária* dentro do partido; e na própria DS – numa avaliação totalmente equivocada do real peso político que seus fundadores tinham, naquele momento, dentro do Movimento pró-PT. Já o sucesso da corrente, ainda segundo o documento, estaria vinculado à participação, no seu interior, da organização trotskista que pretendiam criar, sob risco de a corrente ser “inevitavelmente capenga” e com “possibilidades de atuação do ponto de vista revolucionário muito reduzidas”. Por sua vez, a própria organização deveria necessariamente atuar dentro do PT, onde se encontravam “as lideranças mais expressivas do movimento operário atual”, de acordo com o texto. Muito embora a DS contasse com quadros bastante qualificados sob o ponto de vista intelectual e também político, todas essas considerações eram incompatíveis com seu reduzido número de integrantes e a limitada base social dos seus grupos fundadores, restrito ao movimento estudantil e a alguns contatos com as oposições metalúrgicas de São Paulo e Belo Horizonte, com as quais os militantes vindos do POC e da O. mineira mantinham boas relações³⁰.

A classificação do PT como frente política fundamentava-se na participação, dentro do partido, de diversas organizações de esquerda, intelectuais e sindicalistas, o que dava à legenda um

²⁸ Para uma apresentação detalhada dos documentos, ver ANGELO, *op. cit.*, especialmente o capítulo 3.

²⁹ DEMOCRACIA SOCIALISTA, *op. cit.*

³⁰ A unificação, em 1981, com a Organização Revolucionária dos Trabalhadores (ORT) e, no ano seguinte, com o Comitê de Ligação dos Trotskistas Brasileiros (CLTB), ampliaria um pouco a base da DS no movimento operariado. Após a fusão com a ORT, a DS passou a se chamar, ainda que por pouco tempo, Organização Revolucionária Marxista-Democracia Socialista (ORM-DS).

“papel muito mais estratégico”³¹ na construção do partido revolucionário. O PT, segundo o documento, tornava possível “um rápido crescimento” dos grupos fundadores da DS, pois, como integrantes de uma frente política, poderiam aproximar-se de outros agrupamentos que também apoiavam a criação do Partido dos Trabalhadores – fortalecendo, assim, suas propostas para a legenda. Além da transformação do PT num partido revolucionário, outra bandeira histórica da Democracia Socialista foi a defesa do direito de tendências. Com uma base social e política bastante heterogênea, o PT, na qualidade de frente, comportava diversas posições políticas, o que, segundo a DS, exigia não apenas liberdade de manifestação interna como também o reconhecimento da variedade de opiniões. Mesmo mantendo-se favorável à regulamentação do direito de tendências, a Democracia Socialista logo abandonaria sua posição inicial, passando a caracterizar o PT como um partido, e não uma frente. Ainda assim, a política de aproximação junto a outros grupos que também apoiavam o partido permaneceu inalterada, tendo em vista que ela era parte da estratégia da DS para formar uma corrente revolucionária no interior da legenda – o que nunca chegou a ocorrer efetivamente³².

Ao longo da década de 1980, as propostas apresentadas pela Democracia Socialista foram, uma a uma, sendo aceitas pelo partido – inclusive a regulamentação do direito de tendências. Contudo, nem os seus setores majoritários alteraram sua concepção política nem tampouco o partido seguiu pelo caminho da revolução. Pelo contrário, o PT integrou-se cada vez mais à institucionalidade, sobretudo após as expressivas vitórias obtidas a partir de 1988, afastando-se progressivamente de qualquer possibilidade de vir a ser um partido revolucionário, tal como acreditava a DS. Durante todo esse período, mesmo quando ainda não havia sido reconhecida como uma corrente interna, a Democracia Socialista sempre atuou como uma verdadeira tendência: trabalhou pela construção do partido, mas sem adotar posições sectárias, compondo com seus setores majoritários ao mesmo tempo em que construía a si mesma, numa estratégia adotada do programa do Secretariado Unificado da Internacional trotskista. Apesar dos cargos alcançados e da boa relação estabelecida com os dirigentes partidários, a transformação do PT num partido cada vez mais integrado à ordem colocou à prova a capacidade da DS de hegemonizar um projeto revolucionário dentro da legenda. Portanto, explicar a permanência da Democracia Socialista no PT nos dias atuais passa necessariamente pela revisão de toda essa trajetória.

³¹ DEMOCRACIA SOCIALISTA. *Elementos de análise da conjuntura e tática*. 1979. Fundo Gilberto Mathias, Arquivo Edgar Leuenroth/UNICAMP, pasta 17.

³² Mesmo durante o período em que caracterizou o PT como uma frente política, a Democracia Socialista manteve-se distante das concepções frentistas do PCB e PCdoB, ambas abertas à participação de setores considerados burgueses.

Referências

ANGELO, V. A. de. *A trajetória da Democracia Socialista: da fundação ao PT*. São Carlos: EdUFSCar/FAPESP, 2008 (no prelo)

DEMOCRACIA SOCIALISTA. *Elementos de análise da conjuntura e tática*. 1979. Fundo Gilberto Mathias, Arquivo Edgar Leuenroth/UNICAMP, pasta 17.

_____. *Ousadia na estruturação de uma organização política de caráter nacional, na formação de uma frente da esquerda revolucionária, em impulsionar o PT*. 1979. Fundo Gilberto Mathias, Arquivo Edgar Leuenroth/UNICAMP, pasta 17.

LEAL, M.; KAREPOVS, D. Os trotskismos no Brasil (1966-2000). In: RIDENTI, M.; REIS FILHO, D. A. (Orgs.) *História do marxismo no Brasil*, vol. 6. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007, p.153-237.

KUCINSKI, B. *Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. 2ª ed. São Paulo: EDUSP, 2003.

PONT, R. *Da crítica ao populismo à construção do PT*. Porto Alegre: Seriemá, [s.d.].

MOTTA, R. P. S. *Partido e sociedade: a trajetória do MDB*. Ouro Preto: EDUFOP, 1997.

Entrevistas

Joaquim Soriano

Raul Pont

Thomaz Matta Machado